



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA / ProfHistória

Márcio da Fonseca

O USO DE FONTES HISTÓRICAS NO ENSINO
BÁSICO

Produto vinculado à dissertação:

A EXPERIÊNCIA DOS CIEPS E OS PROFESSORES
DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO:
1979-1986

ORIENTADORA: Professora Dra. Maria Paula
Nascimento Araujo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO / 2021

O uso de fontes históricas no ensino básico

Márcio da Fonseca

Os produtos dos cursos de mestrado profissional são definidos pelo documento da área de ensino da CAPES como sendo “*processos educacionais que possam ser utilizados por professores e outros profissionais da área de ensino em espaços educativos formais e não formais*” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019, p.15).

Para esse fim, a princípio, eu havia planejado realizar um vídeo, uma espécie de curta metragem, em parceria com os meus alunos do CIEP em que leciono, o CIEP Brizolão 097 Carlos Chagas, localizado no município de Duque de Caxias. A ideia inicial era contar a história dessa unidade a partir da perspectiva de sua comunidade escolar: alunos, professores, pais, funcionários, etc.

Tinha a intenção de destacar fatos importantes como: as memórias dos alunos e funcionários sobre a época de inauguração da escola, o marcante processo de degradação do prédio e o impacto que o processo de municipalização teve na qualidade material e pedagógica da escola. O agravamento da pandemia de Covid 19, a suspensão das aulas por um longo período, o retorno gradual dos alunos e os protocolos sanitários impostos pela pandemia, inviabilizaram que tal projeto pudesse ter sido levado a termo.

Ao tentar me adaptar a essa nova realidade, acabei mudando de planos. Depois de conversas esclarecedoras com a minha orientadora, Maria Paula Nascimento Araujo, e de preciosas sugestões dos membros da banca de qualificação, decidi mudar de rumo e ter como tema do produto a discussão de algumas fontes históricas que foram utilizadas nessa dissertação, demonstrando a possibilidade de uso das mesmas em turmas do ensino básico.

Essas fontes históricas são de diferentes tipos - escritas, iconográficas, orais – e abordam o período de governo de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro. Elas dizem respeito principalmente o primeiro governo pedetista, que teve início em 1983 e terminou em 1987.

Acredito que as mesmas poderão auxiliar os professores na organização de suas aulas, em temas como: o fim da ditadura militar, a abertura política, o período de redemocratização brasileira, questões relacionadas ao Rio de Janeiro no final do século

XX, as políticas públicas no campo da educação nesse mesmo período. Além disso, as observações e as análises que realizo também podem servir de orientação para trabalhos com fontes históricas ligadas a outros temas e outras temporalidades.

5-1- A metodologia do trabalho com fontes históricas

No processo de seleção que envolve a pesquisa, optei por elencar algumas fontes que considere relevantes para se ter um panorama do que foi o governo Brizola no Rio de Janeiro e também sobre o processo de implantação dos CIEPs, questões que foram muito importantes ao longo de toda essa dissertação. Essas fontes estão divididas em três grandes grupos, como já destacamos.

O primeiro grupo de fontes é formado por documentos impressos. Nesse grupo constam dois editoriais do *Jornal do Brasil*, com críticas à política de segurança pública do governo Brizola e à construção do Sambódromo, a primeira do final de 1983 e a segunda do início de 1984. Outro documento que apresento nessa parte é um *Tijoloço* assinado pelo próprio Leonel Brizola, defendendo-se dessas acusações do *JB*. Este último documento foi publicado em 1984.

O segundo grupo de fontes é formado pelas iconográficas. Entre as imagens selecionadas constam fotografias dos CIEPs, de manifestações dos professores e também charges. Algumas delas foram tiradas dos jornais que analisei ao longo da dissertação, *O Jornal do Brasil* e *O Globo*, outras foram tiradas de sites da internet e foram escolhidas em virtude do impacto visual e pedagógico que podem causar entre os alunos.

O terceiro grupo de fontes é constituído por trechos das entrevistas que realizei para o capítulo 4 da dissertação. A escolha desse tipo de fonte tem como principal objetivo estimular a utilização da história oral em turmas do ensino básico. Acredito que essa metodologia tem muito a contribuir para que o ensino de história se torne mais dinâmico, relevante e atrativo para alunos e professores.

Estabeleci alguns objetivos para o desenvolvimento desse produto. O primeiro deles é justamente propor atividades e metodologias que tornem o ensino de história mais atrativo para os alunos do ensino básico. Apesar de alguns avanços que ocorreram no ambiente escolar nos últimos anos - como a participação de alunos, professores, pais no

processo de escolha de diretores das escolas públicas e a adoção de práticas inclusivas, como a educação para alunos com deficiência e algumas outras práticas democráticas - no ambiente da sala de aula e no campo da construção do conhecimento escolar, propriamente dito, os avanços ainda não foram tão significativos. O método tradicional de ensino continua sendo o mais usual entre nós, principalmente nas unidades públicas.

Segundo a pesquisadora Circe Maria Fernandes Bittencourt o método tradicional de ensino tem sido “*um dos vilões do ensino de história*” (BITTENCOURT, 2004, p.225). Segundo essa mesma autora o ensino tradicional pode ser definido como “*aquele que conduz o aluno a simplesmente aprender de cor os conteúdos*” (BITTENCOURT, 2004, p.225).

Um dos grandes responsáveis pela permanência desse ensino tradicional em nossas escolas é, segundo o historiador Paulo Knauss de Mendonça, o livro didático. Segundo esse autor, o livro didático acaba sendo utilizado como um normatizador, identificado com uma concepção de saber pronto. Nesse contexto, a escola e a sala de aula surgem como:

um lugar social de interiorização de normas, em que o livro didático é o ponto comum entre o professor e o aluno, sendo todos elos de uma cadeia de transferência disciplinadora do cotidiano e ratificadora das estruturas vigentes (MENDONÇA, 2001, p. 27).

Um dos caminhos possíveis para se romper com essa normatização tradicional representa o nosso segundo objetivo na elaboração do produto: trazer a pesquisa em história para a sala de aula. O professor Paulo Knauss ressalta a necessidade de “*confundir o processo de aprendizagem com o processo de construção do conhecimento. E o processo de construção do conhecimento requer pesquisa*” (MENDONÇA, 2001, p. 30).

Nesse sentido, estimular a junção do fazer do professor com o fazer do pesquisador é, portanto, um caminho bastante produtivo. Como assinala Circe Bittencourt, o docente é um trabalhador intelectual por excelência:

as propostas atuais (...) exigem um trabalho intenso do professor, uma concepção diferenciada desse profissional, como um trabalhador intelectual que juntamente com os seus alunos, deve pesquisar, estudar, organizar e sistematizar materiais didáticos apropriados para as diversas condições escolares (BITTENCOURT, 2004, p. 128).

O trabalho com fontes históricas em sala de aula surge como uma alternativa viável para a maior parte dos professores por diversas razões: os arquivos estão cada vez mais acessíveis em sites e aplicativos diversos, a utilização de fontes é mais barata e pode

apresentar resultados mais promissores do que os livros didáticos, as fontes históricas permitem que os alunos façam as suas próprias interpretações e até criem hipóteses sobre diversos fatos.

Em relação aos alunos, é preciso esclarecer que o trabalho de pesquisa com fontes traz muitas vantagens, porém, ele também gera algumas preocupações que precisam ser levadas em conta. Se, por um lado, as pesquisas com fontes históricas podem significar uma grande vantagem em termos de aprendizagem, de desenvolvimento da perspectiva temporal, de ilustração para temas diversos; por outro, não se deve esquecer que os alunos não são historiadores:

os jovens e as crianças estão “aprendendo história” e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido, o que exige sempre atenção ao momento propício de introduzi-los como material didático e à escolha do tipo adequado aos níveis e condições de escolaridade (BITTENCOUR, 2004, p. 128).

O terceiro objetivo que estabeleci para esse produto é o de estimular o senso crítico dos alunos. Esse tipo de atitude, que está intrinsecamente relacionada ao ensino de história, torna-se ainda mais necessária em nossos dias, classificados por muitos como a era da pós-verdade (DUNKER, 2017, p. 5).

O trabalho com fontes históricas aqui proposto é algo que se revela muito importante na formação desse senso crítico, pois, como assinala a pesquisadora Dayana Medeiros Luz, “*as fontes ajudariam a formar no estudante uma postura mais crítica tanto em relação à construção do conhecimento quanto em relação à atualidade*” (LUZ, 2019, p. 4).

Compreender as diferentes fontes históricas como discursos, como construções da realidade e não como verdades prontas e acabadas torna-se, portanto, uma tarefa relevante e urgente. Principalmente entre os alunos de escolas públicas do ensino básico que a todo momento são bombardeados com os discursos de isenção das diferentes formas de mídia e com afirmações de que a palavra escrita, de uma forma geral, encerra verdades incontestáveis, além de estarem expostos cada vez mais a *fake news*.

A utilização, como mencionei, de diversos tipos de fontes históricas – escritas, iconográficas, orais -, além da análise e atividades específicas com elas, são caminhos utilizados para se demonstrar que não existem fontes históricas neutras. Esse tema parece bem consolidado entre os estudantes de nível superior, porém, entre os estudantes da educação básica ainda é mal compreendido.

Em suma, o trabalho com fontes históricas favorece o processo de construção de escolas e alunos que cultivam e valorizam posturas críticas:

o trabalho com os documentos históricos desde cedo pode ser justamente uma fórmula para não adiarmos as tarefas que o mundo contemporâneo exige da escola – que o aluno compreenda a lógica dos meios de comunicação, especialmente de massa, para não ser agente passivo da manobra de informações reconhecendo outras visões de mundo, desabsolutizando-se e demarcando a sua identidade de sujeito da própria existência (MENDONÇA, 2001, p. 44).

O último objetivo que proponho ao trabalhar com as fontes históricas selecionadas representa a busca por uma aprendizagem realmente significativa. Propor que os alunos pesquisem e tirem as suas conclusões sobre determinados fatos históricos são atitudes que contribuirão não só para romper com práticas de ensino tradicionais, como também para dar suporte para que os alunos se tornem independentes em seus processos de aprendizagem e de leitura do mundo que os cerca.

5-2 A análise das fontes

Para a orientação dos alunos em relação à análise das fontes históricas selecionadas utilizarei algumas sugestões defendidas pela pesquisadora Dayana Medeiros Luz, acrescidas de algumas experiências pedagógicas que realizei ao longo da minha carreira como docente. De acordo com a proposta citada, o trabalho com fontes históricas com os alunos do ensino básico deve ser feito seguindo algumas etapas (LUZ, 2019, p. 4).

Em uma etapa inicial, o professor precisa realizar a identificação do documento com os alunos, ou seja, precisa lançar um primeiro olhar crítico sobre as fontes históricas. Há a necessidade de se formular algumas questões e tentar respondê-las junto com os alunos. Entre as perguntas relevantes a serem consideradas nessa etapa estão: “quem produziu essa fonte?” “Qual foi a sua intenção ao produzi-la?” “Para que e/ou para quem ela foi produzida?” (LUZ, 2019, p. 5).

É interessante ressaltar também que o professor deve procurar estimular os alunos a fazerem as suas próprias perguntas ao documento e, caso eles não consigam respondê-las inteiramente, construir as respostas coletivamente.

Ainda nessa primeira etapa é importante que o professor identifique com os alunos as palavras que não façam parte de seu cotidiano, sugerindo que os alunos busquem os seus significados em um dicionário apropriado.

Na segunda etapa ainda haverá a necessidade de o professor continuar auxiliando os alunos, pois ocorrerá a identificação do documento propriamente dito. Nessa fase o professor esclarecerá os alunos sobre o tipo de fonte que estará em análise, sobre o veículo que publicou a fonte e mais alguns detalhes sobre a época em que foi publicado. Também é importante confrontar a fonte com conceitos e fatos que já sejam do conhecimento dos alunos, isto é, confrontar esse novo saber com os saberes que os alunos já adquiriram (LUZ, 2019, p. 5). Além disso, o professor também precisa identificar os conceitos mais importantes trazidos pelo documento.

Esse processo de orientação do professor com os alunos deverá ocorrer fora do horário de aula propriamente dito, preferencialmente durante o período de planejamento das atividades pedagógicas, um espaço que, apesar de não ser cumprido inteiramente por muitas redes públicas de educação, também é negligenciado por muitos docentes, que o tratam como um tempo vago ou como um horário que pode ser utilizado para se trabalhar em outros estabelecimentos. O prazo para que o aluno realize a tarefa deverá ser de, no mínimo, duas semanas, para que seja possível a leitura, a reflexão e a discussão sobre o material que receberam.

Na terceira e última etapa o professor terá um papel de coadjuvante, pois os alunos apresentarão os documentos para os seus pares em sala de aula através da prática de seminários. A essa altura, o professor deverá intervir o menos possível, cabendo-lhe apenas o papel de mediador e de orientador, apenas quando necessário.

Caberá aos alunos realizar comentários e expor as suas impressões sobre os documentos que analisaram. A apresentação desses comentários ocorrerá de forma oral, porém, nada impede que ao longo do processo se peça também um relatório descritivo, apresentando as conclusões do grupo e a contribuição de cada membro para o resultado final.

Outro fator importante a ser levado em consideração ao se trabalhar com fontes históricas é o processo de seleção das mesmas. No processo de escolha dos documentos procurei levar em consideração algumas ideias expressas por Circe Bittencourt. Segundo ela, há que se considerar, em primeiro lugar, a escolha de documentos atrativos:

existe o problema de escolher documentos que sejam atrativos e não oponham muitos obstáculos para serem compreendidos pelos alunos, tais como vocabulário complexo (...), grande extensão, considerando o tempo cronológico da aula (...) (BITTENCOURT, 2004, p. 330).

Os trechos que escolhemos são relativamente curtos, todos com quatro ou cinco parágrafos, no máximo, e imagens que são de fácil entendimento. Não possuem uma linguagem muito rebuscada, além disso, pretendo manter a diagramação original dos jornais e possibilitar que os alunos ouçam os áudios das entrevistas orais, para que experimentem a sensação de estarem consultando uma fonte histórica de fato.

A segunda ideia que Circe Bittencourt defende sobre a seleção das fontes é o fato de se levar em consideração nesse processo os documentos que ajudem os alunos a compreender que os registros históricos são diversos: “*nessa condição, convém que os alunos perceberem que tais registros e marcas do passado são os mais diversos e encontram-se por toda a parte, em livros, revistas, quadros, músicas, filmes e fotografia*” (BITTENCOURT, 2004, p. 331).

Como já assinalei, selecionei fontes escritas, fontes iconográficas e fontes orais. A diversidade dessas fontes torna-se-á bastante explícita, na medida em que os alunos iniciarem o processo de apresentação dos seminários.

Por último, Circe Bittencourt aconselha que os documentos auxiliem os alunos na compreensão dos conceitos: “*a escolha deles, em qualquer situação ou nível escolar, deve favorecer o domínio de conceitos históricos e ajudar na formulação de generalizações*” ((BITTENCOURT, 2004, p.331). O conceito de democracia, por exemplo, é presença constante em praticamente todos os documentos que apresento aos alunos.

Proponho, portanto, a utilização das fontes históricas em sala de aula como fontes de pesquisa e de produção de conhecimento. Cabe assinalar, no entanto, que essas mesmas fontes podem ser utilizadas no espaço escolar com outros objetivos: como ilustração, como fonte de informação e como uma situação problema (BITTENCOURT, 2004, p. 330).

Considero a abordagem que escolhi a mais produtiva, pois elas possibilitam que os alunos “*identifiquem o objeto de estudo ou o tema histórico a ser pesquisado*”, de uma forma mais fácil e dinâmica (BITTENCOURT, 2004, p. 330).

O governo Leonel Brizola está inserido em uma unidade programática comum ao 9º ano do ensino fundamental e ao 3º ano do ensino médio: o processo de

redemocratização no Brasil. A minha intenção é a de trabalhar esse tema partindo do “*nível particular e sensível para alcançar a conceituação e a problematização abrangente*” (MENDONÇA, 2001, p. 35).

Essa proposta é reforçada pelo fato de que atualmente concentro a maior parte da minha atividade docente em um CIEP. Partirei, portanto, de uma questão sensível aos meus alunos, a história do processo de implantação do modelo de escola em que estudam, para chegar a um importante período da história do Brasil, que foi o da redemocratização política.

5-3 Fontes impressas

Selecionei para essa parte do produto trechos dos jornais que trabalhei ao longo da dissertação. Acredito que esses trechos contribuirão para que os alunos entendam um pouco mais sobre as discussões políticas e os projetos de nação que existiam no Brasil durante o período da abertura política.

O projeto de Leonel Brizola e dos trabalhistas será o destacado, pois esse foi o tema que desenvolvi na dissertação. Contudo, nada impede que outros professores ou que, em um futuro próximo, eu mesmo venha a destacar outros projetos existentes no período, afinal, o acesso às fontes está cada dia mais facilitado pela rede mundial de computadores.

Para esse fim, selecionei três fontes impressas: dois editoriais do *Jornal do Brasil*, um que aborda a visão do periódico sobre a questão da violência pública durante o governo Brizola, e o outro sobre a inauguração da Passarela do Samba, um do final de 1983 e outro do início de 1984; a terceira fonte selecionada é um trecho de um *tijoloço*, também de 1984, no qual Leonel Brizola acusa o proprietário do *JB* de ter ligações políticas e econômicas com a ditadura militar.

Destaco que antes de iniciar o momento das orientações e dos seminários que apresentarão as fontes históricas, pretendo realizar uma aula sobre o período da

Fonte 1: editorial do *Jornal do Brasil* (14/12/1983). Imagem digitalizada.

Chuva no Molhado

O agravamento da situação do Rio de Janeiro ocorre com tal intensidade que o carioca vive autêntico pesadelo ao verificar que o Sr Leonel Brizola cumpriu menos de um quarto do seu mandato. Nessa progressão, o esforço para recuperar a cidade e o Estado terá que se estender por sucessivos governos, que exerçam de fato as suas funções.

O Sr Leonel Brizola fez nitidamente duas opções fundamentais, sendo a primeira a escolha da marginalidade como seu público e ponto de apoio social. A segunda é apenas uma decorrência desta e consiste na destruição da autoridade. O Governo não se exerce, sobretudo no que respeita à manutenção da ordem pública, porque marginalidade é sinônimo de desordem. Se houvesse ao menos policiamento, não se explicaria que os camelôs tivessem chegado a ocupar as calçadas das principais artérias. A situação que se implantou nos presídios e delegacias é de todo equiparável: fugas, assassinatos e circulação de vários tipos de armas entre os presos. As denúncias são de que os guardas estão proibidos de praticar qualquer tipo de repressão; ou melhor, a autoridade acha-se expressamente eliminada. O governante perdeu por completo o senso de medida. Uma coisa é respeito a cidadãos, outra é autorizar a desordem.

O exame do confronto que se estabeleceu entre o comércio marginal e o comércio organizado é muito

elucidativo. Por quem optou o Governo Leonel Brizola? Basta contemplar o panorama da cidade para encontrar uma resposta. Os contribuintes, que são os empresários do comércio, encontram-se verdadeiramente acuados. São afrontados nos próprios locais em que se estabeleceram, em que pese estejam em dia com os seus tributos e devessem merecer proteção da autoridade constituída. O propósito do Governador parece ser o de generalizar semelhante estado de coisas. As famílias já estão acuadas em suas casas, com medo dos assaltantes que campeiam nas ruas. Diante do que estamos presenciando, é presumível que dentro em breve a marginalidade perturbe o funcionamento das escolas, da indústria e dos serviços em geral.

Em todo esse plano o Sr Leonel Brizola só parece haver esquecido a tradição de combatividade do povo carioca. Ou será que está justamente apostando nesse aspecto, provocando-o para que reaja? Em vista de seus antecedentes, não se pode certamente descartar a possibilidade de que esteja atuando de modo calculado, desde que não se exige muita acuidade para perceber que está sendo gestado um vasto conflito entre a população e o elemento marginal. Só que não há nenhum prenúncio que o líder da marginalidade venha a alcançar sucesso ali onde fracassou a liderança populista.

Fonte 2: Editorial do *Jornal do Brasil* (09/02/1984). Imagem digitalizada.

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO, Presidente do Conselho Diretor
 BERNARD DA COSTA CAMPOS, Diretor
 J. A. DO NASCIMENTO BRITO, Vice-Presidente Executivo
 WALTER FONTOURA, Diretor
 MAURO GUTMARAES, Vice-Presidente
 J. B. LEMOS, Editor

Praça de Comícios

O término virtual da obra denominada *sambódromo* permite ter uma visão definitiva da determinante verdadeira de sua construção: trata-se de uma grande praça para comícios. Essa praça constitui a parte nuclear do conjunto de estruturas e tem, num de seus lados, dois ostensivos palanques, capazes de permitir que os oradores contemplem a massa presente, que se distribuirá parte na própria praça e parte na arquivancada fronteira que a limita. Ao fundo construiu-se, também, um grande arco certamente destinado a permitir a fixação de bandeiras ou retratos gigantescos. As demais arquivancadas que foram adicionadas a esse conjunto de modo algum o desfiguram. Além de que constituem acesso natural à praça, bloqueado e livre de trânsito, pode eventualmente figurar como reserva para o que extravase de gente, sem dar ao logradouro central dimensões maiores do que seria razoável, já que pode comportar em torno de cem mil pessoas.

A fonte inspiradora é clara: os locais especialmente construídos a fim de comportar grandes concentrações humanas, que apareceram em nossa época primeiro na Rússia Soviética e na Itália de Mussolini, depois copiadas por Adolf Hitler na Alemanha nazista.

A revelação dos verdadeiros objetivos desse projeto é um fato da maior significação política porquanto faculta desvendar as verdadeiras intenções do Sr. Leonel Brizola. É sabido que sua franca opção pelo elemento marginal da sociedade fluminense a todos apanhou de surpresa e houve quem a atribuisse à simples improvisação. Sem programa e sem prioridades, desconhecendo a realidade do Rio de Janeiro, graças a ações irrefletidas teria chegado a aliar-se a bicheiros, camelôs, etc. A Praça de Comícios da Marquês de Sapucaí evidencia, ao contrário, que sua ação é deliberada e plenamente meditada em seus contornos mais gerais e principais implicações.

Sem dispor de bases sindicais, que deram a Vargas a possibilidade de estruturar o populismo, Brizola escolheu a marginalidade. Sabia certamente que este constituía grupo social amplamente minoritário. Mas provavelmente atribuiu maior peso à sua disponibilidade para o aventureirismo. Sem patrão, sem horários, vivendo de biscates ou abertamente da contravenção, encontrara afinal massa de manobra verdadeiramente privilegiada. Daí que haja paralisado o aparelho repressor, freqüente a favela, estimule a ação predatória dos camelôs, mendigos e toda classe de marginais. Eis aí a massa a ser mobilizada para demonstrações na Praça de Comícios da Sapucaí. E para dar curso a esse plano insano não hesitou em gastar nunca menos de Cr\$ 25 bilhões, que ultrapassa de muito as disponibilidades para investimentos. Nutre também a esperança adicional de satisfazer aos carnavalescos e integrantes de blocos e escolas para aquele fim estruturadas. Mas, em seu todo, esta não é a camada social visada, nem muito menos a ampliação de salas de aula, já que as últimas modificações introduzidas na obra, para reforço de estruturas, de fato impossibilitam essa destinação.

O projeto é em sua inteireza totalitário e só um espírito primário o conceberia nesses lances espetaculares de esconde-esconde. O mínimo que se pode dizer é que se encontra inteiramente dissociado dos sentimentos da maioria de nossa população e do resto do país, que aspira a levar a abertura política até a implantação das instituições que garantam a democracia. Os sonhos e ambições do Sr. Leonel Brizola não se orientam no mesmo sentido. Corteja as minorias fora da lei e ignora solenemente as suas atribuições no que se refere à administração estadual. Supondo talvez que a opinião nacional possa ser manietada por demonstrações de cunho totalitário, suposição que o levará a morder novamente o pó da derrota de modo inapelável.

redemocratização brasileira, destacando conceitos como o de democracia, ditadura militar, governo militar, governo civil e também apresentando os principais projetos de nação existentes nessa época, além dos principais acontecimentos do período.

No processo de criação desse produto, observei que os trechos dos jornais que selecionei dialogam entre si. Os editoriais do JB fazem críticas ao governo trabalhista, enquanto no trecho do Tijoloço selecionado, o governador Leonel Brizola não só se defende dessas críticas como ataca os seus detratores, utilizando o próprio veículo jornalístico em que foi criticado. Essa discussão permite, por exemplo, que se discuta o papel da mídia enquanto a de um ator político, que possui interesses próprios e que os manifesta em vários momentos. Reforçando a ideia de que não existem fontes históricas imparciais.

5-3-1 Os editoriais do JB

Selecionei dois editoriais do *Jornal do Brasil* para trabalhar com os alunos: “Chuva no molhado” (Fonte 1), publicado em 14 de dezembro de 1983; e “Praça de comícios” (Fonte 2), publicado poucos meses depois, em 09 de fevereiro de 1984.

O primeiro editorial, “Chuva no molhado”, é uma crítica à política de segurança pública do governo Brizola. Nele, o governador é acusado, explicitamente, de proteger os criminosos do estado do Rio de Janeiro, a partir da utilização de ideias como a de que Brizola fazia uma opção consciente de defesa dos marginais e de que o governo trabalhista não respeitava a manutenção da ordem pública.

O segundo editorial, “Praça de comícios”, realiza comentários que desqualificam a Passarela do Samba, obra que à época acabara de ser inaugurada pelos trabalhistas na Praça Onze, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Nesse texto, os editores do JB compararam a Praça da Apoteose, que fica no centro da Passarela do Samba, às praças de comícios de governos totalitários, citando, inclusive, semelhanças com o nazismo alemão.

É necessário lembrar que, pela proposta de trabalho que estou apresentando, antes de entregar as fontes para os alunos realizarei uma análise preliminar com a turma, explicitando alguns conceitos e projetos políticos existentes no período. Vale assinalar também que o conceito de governos totalitários antecede o trabalho com as questões

referentes a redemocratização brasileira, fato que possibilitará que os alunos tenham suporte para analisar a acusação feita pelo jornal, considerando o cenário político e social daquele momento.

No processo de orientação que realizarei com os alunos procurarei explicitar o modo de construção narrativa presente nesses tipos de textos, os editoriais, uma vez que os mesmos não costumam apresentar o nome dos seus autores, levando em conta o fato de que os jornais possuem uma linha editorial a ser seguida e seus editores costumam ser muitos fiéis a ela.

Como mantive a formatação original do periódico, foi possível apresentar na Fonte 2 todo o expediente do jornal, incluindo o nome do editor-chefe do *JB* na época, o jornalista João Batista Lemos (J. B. Lemos). Durante o processo de orientação explicarei para o grupo que a autoria do artigo pode ser atribuída a esse jornalista ou a algum outro editor ou jornalista que estivesse sob a sua supervisão direta.

Ao partir para a análise das fontes, a ideia é a de sugerir que os alunos procurem responder questões de cunho mais específico em face da disponibilização dos documentos para a turma: qual personagem ou quais grupos políticos são criticados nos editoriais? Os textos indicam algum tipo de preferência política por parte dos editores? Como o primeiro texto sugere que a questão da violência seja tratada? A Praça da Apoteose é utilizada atualmente para que tipo de evento? A associação dessa praça ao Nazismo foi uma crítica justa?

Essas questões possuem respostas aparentemente óbvias para estudantes de cursos de ciências humanas do ensino superior, porém para estudantes de ensino básico, principalmente do ensino fundamental, elas podem funcionar como um roteiro para propiciar valiosos momentos reflexão.

Para a grande maioria desses alunos, a imprensa, principalmente a parte dela que trabalha com a palavra impressa, é uma fonte fidedigna de verdades. Como professor, já experimentei diversos momentos de tensões com os alunos quando manifesto, por exemplo, uma interpretação diferente da que consta em um livro didático. Para muitos alunos aquilo que está escrito tem valor de verdade.

Fonte 3: *Tijolão* ou *Tijolaço* de Leonel Brizola (Jornal do Brasil, 26 de agosto de 1984).

Imagem digitalizada.

domingo, 26/8/84 □ 1º caderno

Esclarecendo a população (7)

Fins inconfessáveis

A opinião pública do País, a população de nosso Estado e, muito particularmente, todas as pessoas de bem há muito já se aperceberam porque o "Jornal do Brasil" do Sr. M. F. Nascimento Brito vem atacando e achincalhando todos os dias a Administração do Rio de Janeiro e seu Governador. Com relação a "O Estado de São Paulo" (J. Mesquita Neto), embora mais sofisticado, isto também já está se tornando claro. Para a população, basta uma ponta desse tipo de iceberg para o seu infalível julgamento. Ela conhece esse pessoal de outros carnavais: suas obras, seus feitos e interesses.

E como foi possível, que dados concretos permitiram a tantas pessoas tirarem as suas conclusões?

Primeiro: configurou-se, desde logo, que se tratava de uma campanha invariavelmente dirigida contra, sem nenhuma isenção e sem preocupações com o bem público, mal intencionada, de ataques sistemáticos e evados de facciosismo e maldade. Como é natural, desde o início despertou suspeitas. Todos diziam nas ruas e rodas de conversa: "Algo está atrás de tudo isto. Tem carçoço nesse angu. Que Diabo, ficaram em silêncio durante os 8 anos do Chagas e outros tantos da ditadura e agora, de repente, exigem e reclamam de tudo! Dar crédito a isso seria conceder demasiado espírito público a estes fariseus".

Segundo: tornou-se do conhecimento público que os referidos srs. Brito (JB) e Mesquita Neto (Estadão) são sócios, parceiros e beneficiários em grandes negócios e operações, concedidos pelo Governo Federal, de dezenas de milhões de dólares e, também, de bilhões e bilhões de cruzeiros (PISA S/A e as chamadas debêntures DEBAN/DIDEC-11-83/00984). E como ninguém desconhece, sobre essas grandes operações no Banco Central, no Banco do Brasil e BNDES só uma pessoa resolve e decide: o Sr. Delfim Neto e mais ninguém. Principalmente, quando se trata de operações de exceção, com cláusulas de favorecimento. São os chamados empréstimos de pai para filho. Brito e Mesquita, como é compreensível, passaram a depender das benesses do poderoso Sr. Ministro do Planejamento. Atacar e hostilizar, impiedosamente, o Governo Leonel Brizola, seria como lubrificar todas as engrenagens e o próprio centro motor das decisões. Além disso, forneceria matéria e inspiração para, em conversas posteriores, estabelecerem outros desdobramentos. Que o Sr. Delfim (uma das peças centrais do núcleo autoritário do regime, como responsável e executor do modelo econômico) está empenhado em asfixiar o Governo do Rio de Janeiro, é uma questão evidente demais. Dispensa qualquer demonstração. Reuniu-se, assim, a fome com a vontade de comer. Uma perfeita associação com fins inconfessáveis.

Desses comprometimentos decorrem as novas e inusitadas posições do velho JB, danosas ao nosso Estado e a favor de causas como os interesses do FMI e dos bancos internacionais, a defesa permanente dos atos do Sr. Delfim Neto (que considera um gênio), a justificação de coisas como o Colégio Eleitoral, o arrocho salarial e a extinção do ensino gratuito nas Universidades, e a pregação da segregação social, atribuindo a toda a população carente e favelada o estigma da marginalidade.

Nesse sentido, chama a nossa atenção o fato de que se com os livros didáticos existe essa relação quase mitológica sobre a verdade da palavra impressa, imaginem em relação aos jornais, que constantemente fazem propagandas reforçando a percepção de que são imparciais e que só publicam os fatos, a verdade.

Demonstrar a oposição presente em um jornal, no caso o *Jornal do Brasil*, ao projeto político dos trabalhistas, pode ser um interessante caminho para tentar desconstruir essa ideia arraigada entre alguns estudantes do ensino básico.

Nesse percurso do produto, no propósito de substanciar a análise das fontes, o diálogo entre os grupos também vai se mostrar necessário. Esse grupo que apresenta os editoriais precisará, por exemplo, conversar bastante com o grupo que apresentará o tijolo (Fonte 3).

5-3-2 Fins inconfessáveis: um tijolo

Cada fonte, com as suas especificidades, compreende uma forma de leitura e análise. Inicialmente cabe-nos entender que a resposta de Leonel Brizola contra as acusações que o *JB* lhe fazia quase que diariamente, como já assinalamos, não tardaram. Elas vieram principalmente através dos chamados *tijolões* ou *tijolos*, textos que o governador publicava nos próprios jornais que faziam críticas a seu governo (Fonte 3).

A participação do professor na orientação aos alunos para a análise dessa fonte será absolutamente essencial. Caberá ao docente explicar o que foram os *tijolos*, caracterizando-os como uma arma política utilizada pelo governador Leonel Brizola para enfrentar seus inimigos políticos, entre os quais uma parte da própria imprensa.

O fato de os *tijolos* serem publicados em espaços pagos, nos próprios jornais que faziam críticas ao governador Leonel Brizola, como no caso do *JB*, acrescentará muito para que os alunos entendam que o jornal pode ser um objeto cultural, mas também uma mercadoria. A ideia de que o jornal possui um proprietário e de que ele precisa agradar os seus clientes/leitores para poder vender deve fazer parte da abordagem durante a apresentação dessa fonte.

Além disso, as críticas feitas por Brizola nesse documento contribuirão para que os alunos compreendam melhor que o jornal é um veículo formado por pessoas – jornalistas, editores, o proprietário do jornal – com posições políticas definidas.

Desse modo, as perguntas a serem feitas a essas fontes deverão ser diferentes das perguntas feitas às fontes anteriores. Os alunos, após os esclarecimentos iniciais do professor, saberão quem é o seu autor, porém precisam ser estimulados responder outras questões relevantes, no caso dessa fonte, em especial: que fatos levaram o governador a fazer críticas tão contundentes aos periódicos citados? Qual a posição do governador em relação à ditadura militar? Uma vez mais ressaltamos a importância do diálogo com os grupos anteriores.

Para a promoção do diálogo entre os grupos proponho dois procedimentos. Inicialmente deixarei que os alunos organizem os encontros por conta própria. Se por alguma razão – distrações, timidez ou conversas desconexas - essa organização não se revelar produtiva, direcionarei as discussões com questões específicas sobre o posicionamento político do jornal contra Brizola e da resposta dada pelo governador.

Os grupos podem tentar responder juntos outras questões relevantes para a análise das fontes históricas em geral, tais como: quem eram os leitores desse jornal? Será que ele se direcionava às classes populares ou a grupos de classe média alta? Quais indícios sustentam as escolhas dos alunos¹? Ou seja, os alunos poderão desenvolver, inclusive, uma pesquisa qualitativa com levantamento de hipótese.

Ao final da apresentação, o professor pode sugerir que os alunos desses grupos escrevam alguns editoriais e textos críticos sobre alguns problemas da atualidade. Questões como a pandemia de Covid 19, as *fakes news* que se alastram no cenário político e a crise econômica que arrasa o país, por exemplo, são temas com argumentos fáceis para se estruturar esse tipo de texto.

Outra possibilidade interessante é a de os alunos produzirem jornais com notícias relevantes para as suas turmas ou mesmo para toda a escola. Nesse caso, além do noticiário a ser produzido pelos alunos, o professor pode sugerir a construção de editoriais sobre temas diversos de interesse geral, como o estado de conservação da escola, a

¹ Uma das maneiras para que os alunos identifiquem quem eram os leitores do jornal é analisando o tipo de propaganda que o periódico trazia, se era direcionado às classes populares ou aos grupos mais abastados.

importância de se estudar, etc. Essa proposta também pode ser levada para todos os outros grupos.

5-4 Fontes iconográficas

As imagens selecionadas para compor as fontes históricas que estão sendo analisadas nesse produto são de duas naturezas: fotografias e charges. A maioria delas foram retiradas dos periódicos trabalhados nessa dissertação. Algumas, no entanto, foram tiradas de uma página do Facebook denominada *Observatório dos CIEPs*. Essa página tem como principal objetivo denunciar a situação de abandono que a maioria dos CIEPs se encontram nos dias atuais.

Considerarei as imagens como textos passíveis de serem analisados e interpretados. Procurarei considerar e explorar as emoções que as imagens provocam, tal como assinalado pelo historiador Elias Thomé Saliba, em todos os seus níveis de possibilidade:

há, em primeiro lugar, a emoção que experimentamos ou não ao ver uma imagem; em segundo lugar, a emoção daquele que fez a imagem, e por último, mas não menos importante, a reação emocional daquele que é objeto da imagem. Este é um tema muito vasto, com férteis desdobramentos didáticos (SALIBA, 2011, p. 94-95).

Nesse sentido, proponho, tendo Circe Bittencourt mais uma vez como base, que as imagens sejam utilizadas em sala de aula não apenas como ilustração:

(...) o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual (BITTENCOURT, 2004, p. 361).

Terei, contudo, o cuidado de não exagerar no uso desse tipo de fonte, pois, como defende Saliba, vivemos nos dias de hoje uma verdadeira invasão das imagens em todos os aspectos das nossas vidas:

(...) como educador preocupa-me a verdadeira intoxicação de imagens que nossa sociedade já vive e acho que a escola não deve repetir esse círculo vicioso e desgastante, mas capturar o interesse pela imagem – interesse cada vez mais disseminado – utilizando-os para as suas finalidades educacionais (SALIBA, 2011, p. 90).

Nesse sentido, proponho a utilização de cinco fotografias, algumas utilizadas em conjunto e em termos comparativos; e também de duas charges. Todas elas correspondentes ao período de governo de Leonel Brizola.

5-4-1 A fotografia enquanto fonte histórica

Minha proposta principal ao trazer a fotografia para a sala de aula é mostrar para o aluno, como já assinalado, que a imagem é um texto, uma leitura do mundo real. Como reforça a historiadora Ana Maria Mauad, a fotografia:

para além de sua gênese automática (...) é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda, uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolve, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 3).

Para entender a imagem é necessário desconstruí-la. Essa desconstrução passa, inicialmente, pela análise do papel do fotógrafo (BITTENCOURT, 2004, p. 367). Por trás de uma foto existe uma pessoa que domina um conjunto de técnicas e possui intenções ao realizar a fotografia, inclusive intenções relacionadas a categoria social a que se vincula:

no caso da fotografia é evidente o papel de autor imputado ao fotógrafo. Porém, há que se concebê-lo como uma categoria social, quer seja profissional autônomo, fotógrafo de imprensa, fotógrafo oficial ou um mero batedor de chapas (...). O controle de uma câmera fotográfica impõe uma competência mínima por parte do autor, ligada fundamentalmente a manipulação de códigos convencionalizados social e historicamente para a produção de uma imagem possível de ser compreendida (MAUAD, 1996, p. 8).

Há que se considerar ainda, nesse processo de desconstrução da imagem fotográfica, as competências do leitor (entender a fotografia como suporte material de uma imagem) e a circulação e os destinatários das imagens fotográficas: álbuns de retratos, veículos de imprensa, álbuns eletrônicos, redes sociais, coleções, etc. (RENDEIRO, 2017, p.15).

Em relação à escolha, segui as orientações de Circe Bittencourt. Segundo essa autora, é aconselhável a escolha de imagens fortes “*capazes de causar um impacto visual*” (BITTENCOURT, 2004, p. 368). Ana Maria Mauad acrescenta que é importante não se misturar diferentes tipos de fotografias (MAUAD, 1996, p. 368).

Fonte 4: A inauguração do CIEP Tancredo Neves (*Jornal do Brasil*, 09/05/1985).

Imagem digitalizada.



Fonte 5: Manifestação de professores (*O Globo*, 03/04/1986). Imagem digitalizada.



Em frente à Câmara Municipal, professores erguem faixas e cartazes na manifestação de cerca de três mil grevistas

A seguir analisarei as imagens que considere relevante para se trabalhar alguns aspectos referentes ao governo Brizola em sala de aula.

5-4-2 A inauguração do CIEP Tancredo Neves

As duas primeiras imagens selecionadas são fotografias da inauguração do CIEP Tancredo Neves (Fonte 4). A autoria das duas fotografias está identificada na edição do *JB*, de 09 de maio de 1985, um dia depois da inauguração do primeiro CIEP, propriamente dito: a primeira fotografia é de Vidal de Trindade e a segunda de Evandro Teixeira.

Apesar desses fotógrafos estarem a serviço do *JB*, tratarei essas duas imagens como documentos canônicos, pois eles foram produzidos, em minha opinião, com a intenção de serem documentos oficiais sobre o fato histórico que retrataram. Desse modo, iniciarei minha orientação com o grupo explicando, justamente, o que vem a ser um documento canônico.

A primeira imagem mostra o Presidente José Sarney no primeiro plano e a seu lado, segurando o seu braço, o governador Leonel Brizola, que aponta para a direção do prédio do CIEP. É possível identificar também na fotografia a presença do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, logo atrás de Brizola. Na segunda fotografia, o presidente Sarney continua na posição de protagonista, sendo abraçado pela primeira diretora do CIEP Tancredo Neves, a professora Fernanda.

Eu planejo realizar essa identificação dos personagens que aparecem na fotografia com os alunos durante o processo de orientação. Mas, nessa etapa, pretendo pedir que eles realizem um levantamento das posições políticas de cada um dos personagens citados, o presidente José Sarney, o governador Leonel Brizola e o cardeal arcebispo, Dom Eugênio Salles, de modo que os alunos possam apresentá-los.

Algumas perguntas também precisam ser feitas em relação a essas imagens, tais como: para quem foi dado o maior destaque nas fotografias? Para o governador, que implementou o projeto, ou para o Presidente da República, que veio para a inauguração como convidado? Essa escolha teria, na opinião dos membros do grupo, alguma relação com a linha editorial do jornal apresentada pelos grupos que analisaram os textos

impressos? Qual a opinião do grupo sobre a presença de um líder religioso no evento de inauguração do CIEP?

Em suma, esses questionamentos têm o objetivo de ajudar os alunos a perceberem a fotografia como um texto que possui intenções determinadas pelos fotógrafos e por aqueles que pretendem publicar a fotografia.

5-4-3 Aluno não é leitão

A terceira fotografia apresentada (Fonte 5) é de uma manifestação dos professores durante a greve de 1986. Ela foi publicada no jornal *O Globo*, no dia 3 de abril 1986. A imagem mostra diversos docentes concentrados na porta da câmara dos vereadores do Rio de Janeiro. Diversos cartazes são percebidos, o mais evidente tem a seguinte frase estampada: “*Governador, aluno não é leitão*”.

Deixarei os alunos livres para formularem perguntas sobre a imagem, porém a discussão do significado da frase do cartaz, que ocupa o primeiro plano da fotografia, é fundamental. Estimularei os alunos a criarem hipóteses para responder o significado dessa frase.

Outra questão que os alunos também podem levantar hipóteses para possíveis respostas é a busca dos motivos para que o fotógrafo tenha focado justamente nesse cartaz em meio a tantos outros. Por que não foram escolhidos cartazes que faziam alusão ao plano de carreira ou a outras reivindicações dos professores? Esses questionamentos têm o objetivo de, mais uma vez, demonstrar que a imprensa possui posicionamentos políticos e não é um grupo isento.

Por fim sugerirei que os alunos comentem sobre alguns aspectos técnicos das fotografias apresentadas, tais como: a questão da coloração, definição, focos e outras questões técnicas que perceberem. A comparação com as fotografias atuais será inevitável. Pretendo, por fim, decifrar junto com os alunos o que está escrito em cada uma das faixas, fato que trará ainda mais informações relevantes para os grupos

Fonte 6 : Um CIEP em funcionamento (Foto de divulgação do governo do estado do Rio de Janeiro, retirado da página “Observatório dos CIEPs (Link: <https://www.facebook.com/ObservatoriodosBrizoloes/> Os direitos autorais da imagem não foram encontrados até o momento de conclusão da dissertação). Imagem digitalizada. Ano não identificado.



Fonte 7 : CIEP degradado (“Observatório dos CIEPs”. Link: <https://www.facebook.com/ObservatoriodosBrizoloes/> Os direitos autorais da imagem não foram encontrados até o momento de conclusão da dissertação). Imagem digitalizada. Ano não identificado.



5-4-4 Dois CIEPs

As duas últimas fotografias (Fonte 6 e Fonte 7) são de dois CIEPs. Um recém-inaugurado e em pleno funcionamento, na década de 90, do século passado; e o outro dos dias atuais, completamente degradado.

Essas fotografias foram retiradas de uma página do facebook denominada “*Observatório dos CIEPs*” e foram repostadas várias vezes desde, pelo menos, o início do ano 2020. Seus autores não foram identificados, porém, acredito que a primeira imagem tenha sido retirada da revista “*Escola viva, Viva a escola*”, publicada pela secretaria estadual de educação ao longo dos dois governos de Brizola².

Ao contrário das fotografias anteriores, não deixei nenhum tipo de legenda escrita nessas imagens. Essa opção tem o objetivo de atribuir ao aluno a tarefa de identificar temporalmente as imagens. Questões como: qual imagem é a mais antiga? Qual a época aproximada de cada uma delas? Minha premissa é a de que essa atividade pode ajudar os alunos a iniciarem um processo de reflexão sobre elas.

Esse tipo de exercício com fotografias é bastante recomendado pelos especialistas no assunto. Primeiro porque permite que os alunos percebam a passagem do tempo, isto é, consigam identificar o antes e o depois; além disso, a atividade também pode ser utilizada para que os alunos observem a forma de utilização de um determinado espaço em épocas distintas (BITTENCOURT, 2004, p. 369).

Outras questões que podem ser trabalhadas com essa imagem podem ser alocadas em um processo de identificação das crianças que estudavam nos CIEPs: a primeira fotografia (Fonte 6), por exemplo, permite associar esses alunos a algum grupo social? Que tipo de roupa estão utilizando? Também é possível discutir com a segunda imagem (Fonte 7) as razões para a degradação dos CIEPs. A essa altura também é possível estimular os alunos a levantarem hipóteses para explicar esse verdadeiro processo de destruição que algumas dessas escolas vem passando desde o fim dos governos trabalhistas.

² Em função do fechamento dos arquivos motivado pela pandemia de covid 19 não pude confirmar essa informação até o momento.

Como pretendo realizar esse trabalho com os meus alunos do CIEP Carlos Chagas, em Duque de Caxias, sugeri que eles realizem fotografias dessa unidade para uma exposição interna. Além de imagens denunciando os problemas da unidade, também estimularei os alunos a utilizarem a fotografia como um recurso artístico, buscando cenas de crianças brincando, estudando, interagindo com outras.

Existem também algumas imagens nos CIEPs – as famosas curvas de Niemeyer - que não são vistas por muitas pessoas que frequentam cotidianamente esse espaço. Estimularei os alunos a encontrá-las e registrá-las para a exposição.

Os demais alunos que trabalharam com a apresentação de imagens também podem participar dessa atividade e trazer contribuições valiosas. Afinal, atualmente é bastante comum os alunos possuírem celulares e ficarem com eles durante as aulas. Nós, professores reflexivos, precisamos demonstrar que existem algumas possibilidades de utilização desse aparelho com finalidades pedagógicas relevantes.

Outro detalhe que não pode passar despercebido nessas duas fotos é o fato de possuírem cores. Esse detalhe precisa ser discutido pelo grupo e será um elemento importante para a localização temporal delas e a diferenciação em relação às demais imagens.

5-5 As charges

As charges são imagens que também podem ser tratadas como textos e que podem ser utilizadas como um excelente recurso pedagógico, pois é atraente aos olhos de quem as leem e utilizam o humor como principal recurso. Trata-se de:

(...) uma modalidade de linguagem iconográfica que se caracteriza essencialmente por sua natureza dissertativa e ideológica, além de primar pela presença do humor com o propósito de denunciar e satirizar através do apelo ao exagero. Também deve ser reconhecida em seu potencial como fonte histórica, capaz de contribuir para a reflexão sobre determinada época, pois expressa e transmite, assim como toda configuração visual, ideias, sentimentos, valores e informações a respeito de seu tempo e lugar, bem como de outros tempos e lugares (MACÊDO, 2019, p. 4).

A charge, assim como todas as fontes históricas, também fornece respostas ao ser inquirida, além de também possuir o potencial de prender a atenção dos alunos. Além

disso, a utilização das charges nas aulas possibilita que os alunos tenham acesso a um outro tipo de discurso utilizado pelos jornais e pela imprensa em geral.

Cabe assinalar, mais uma vez, que apesar da presença do humor, as charges são fontes históricas que apresentam as mesmas características que as demais: elas são um discurso que não tem nada de imparcial ou de inocente (MACÊDO, 2019, p.5).

5-5-1 O Rambo

A primeira imagem que selecionei, Fonte 8, é de autoria do famoso cartunista Chico Caruso, Francisco Paulo Hespanha Caruso, e foi publicada no jornal *O Globo*, em 10 de abril de 1984, durante a greve dos professores da rede pública de ensino. Na sátira, o rosto de Leonel Brizola é colocado no corpo estilizado de Sylvester Stallone, ator que na época fazia muito sucesso com o filme *Rambo, programado para matar*. Porém, ao invés de empunhar uma metralhadora, tal como o ator hollywoodiano, o governador porta um lápis com a ponta quebrada.

No processo de orientação do grupo preciso alertar os alunos para o fato de que o rosto colocado no corpo do personagem norte-americano é o de Leonel Brizola. Depois disso, deixarei o grupo livre para fazer a leitura do documento.

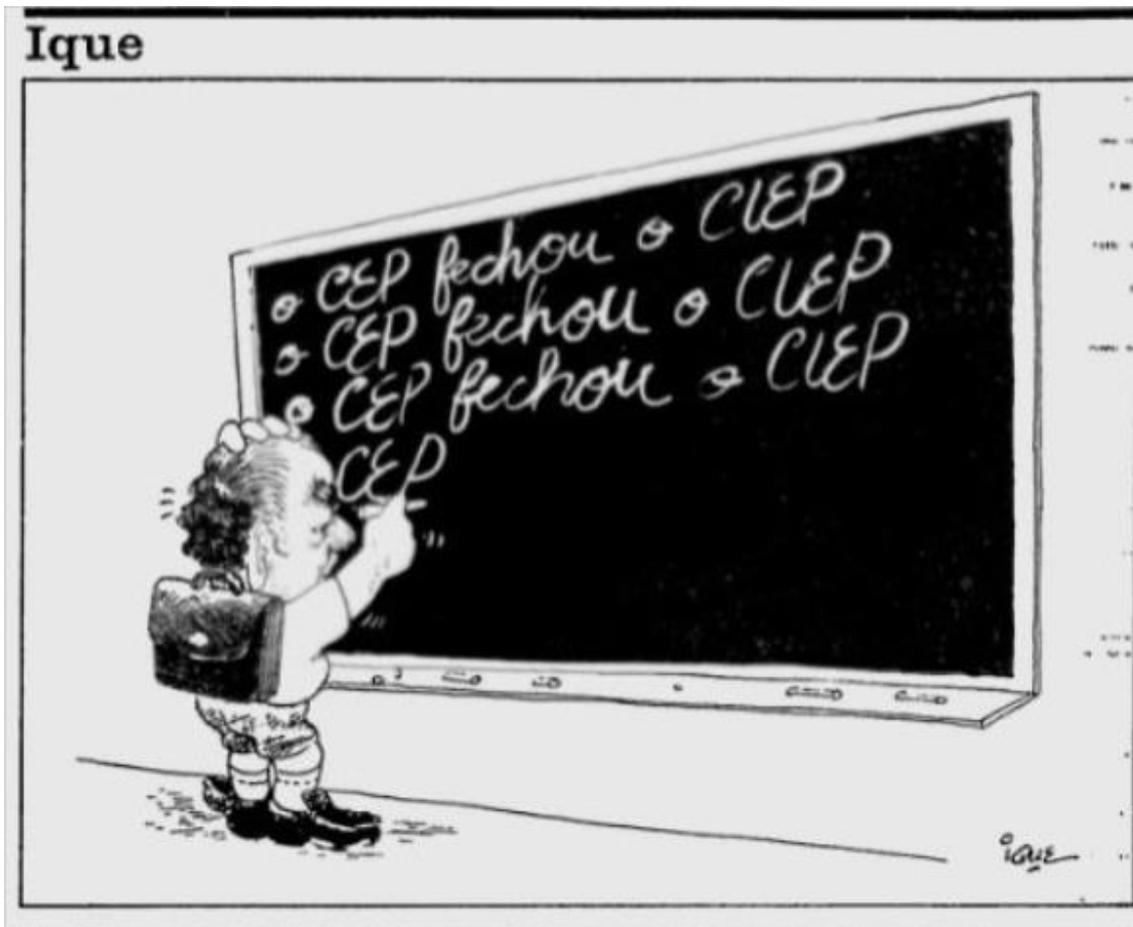
Uma discussão que pode ser sugerida, caso ela não seja destacada pelos próprios alunos, é se a charge faz um elogio ou uma crítica ao governador. Acredito que surgirão leituras divergentes, pois o governador está sendo retratado com o corpo de um guerreiro, entretanto, a arma que utiliza, o lápis, está com a ponta quebrada. Nessa discussão a melhor postura a ser tomada pelo professor é a de ouvinte. Ele precisa deixar emergir a leitura dos alunos, interpretando eles próprios os documentos.

Uma das poucas intervenções que o professor pode fazer para ajudar nesse processo de discussão é contextualizar a posição do jornal *O Globo*, que publicou a charge, como a de um dos grandes inimigos do governo trabalhista de Leonel Brizola nessa época.

Fonte 8: Rambo (Chico Caruso, *O Globo*, 04/04/1986). Imagem digitalizada.



Fonte 9: "O CEP fechou o CIEP" (Ique, *Jornal do Brasil*, 03/04/1986). Imagem digitalizada.



5-4-2 “O CEP fechou o CIEP”

A segunda charge selecionada, Fonte 9, é a do cartunista Ique, Victor Henrique Woitschach. Ela foi publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 03 de abril de 1984, também durante a greve dos professores citada na charge anterior. Na imagem, Brizola está estilizado como um aluno e escreve em um quadro-negro, repetidas vezes, que “O CEP fechou o CIEP”.

No processo de orientação que realizarei com os alunos preciso esclarecer o que significa a sigla CEP, Centro Estadual dos Professores, a entidade sindical que representava os professores no período. Há que se esclarecer também que esse tipo de prática, escrever uma mesma frase repetidas vezes em um quadro-negro, era utilizada pelos professores da época como punição contra os alunos indisciplinados. Preciso também reforçar com os alunos uma leitura dos fatos em que, apesar de o governo Brizola ter a educação como prioridade, os professores da rede pública organizaram uma importante greve de luta contra o governo trabalhista, o que contribuiu muito para a derrota dos aliados de Brizola na eleição que ocorreu meses depois.

Realizadas as orientações iniciais, sugerirei algumas questões para os alunos levarem em consideração, durante o processo de apresentação da fonte, entre elas: o governador foi caracterizado como que tipo de aluno pelo cartunista? Por que apenas os CIEPs foram destacados como estando fechados e não todas as escolas da rede?

A questão do posicionamento do *Jornal do Brasil* em relação ao governo do estado, pode voltar a ser discutida pelos alunos, com a mediação do professor, se for necessário. Para ajudar os alunos a empreenderem essa discussão posso disponibilizar trechos de textos de autores que são referências nessa discussão, como Tânia de Luca, para que os alunos tomem contatos com argumentações consistentes.

Esses mesmos trechos podem ser direcionados também para os outros grupos que travaram essa mesma discussão, como no caso dos grupos que apresentaram os textos impressos anteriormente citados.

A crítica do cartunista ao governador nessa charge é bastante explícita. Posso aproveitar esse gancho, para reforçar a ideia de que as charges são discursos parciais, que trazem posicionamentos políticos do seu autor e do veículo que a publica. Aliás, seria

mais importante perguntar aos alunos, a essa altura em que essa discussão já foi amplamente realizada pelos outros documentos apresentados, se eles consideram as charges documentos isentos?

Vale assinalar que apesar de sugerir algumas perguntas para ajudar os alunos no processo de apresentação das fontes, meu propósito será estimular os alunos a explicitarem as leituras próprias, que cada grupo ou os seus membros individualmente tenham feito.

Desde o início da minha carreira observo que em quase todas as turmas que leciono sempre existem alunos que se destacam fazendo desenhos, inclusive, já me deparei com alguns cartunistas muito talentosos durante essa jornada. Se conseguir identificar algum tipo de aluno com essas características, sugeri que realize releituras dos personagens do período: Brizola, Darcy, Niemeyer; ou crie imagens interessantes sobre o processo de realização do trabalho.

5-6 As fontes Oraís

A história oral consolidou-se nas últimas décadas como um importante campo de pesquisa acadêmico. No ensino básico, no entanto, a utilização dessa importante metodologia ainda é bastante restrita e se resume a algumas iniciativas isoladas ou de pequenos grupos docentes.

A metodologia da história oral pode e deve ser considerada como uma importante ferramenta a ser utilizada pelos professores e alunos do ensino básico, desde que se leve em consideração algumas adaptações necessárias. Como assinala Verena Alberti, existem muitas contribuições que a história oral pode oferecer ao ensino de história:

no ensino de história, por exemplo, alguns recursos oferecidos pela história oral podem ser úteis: uma entrevista pode tornar a aprendizagem mais fácil, porque trata de experiências concretas, narradas de forma direta e coloquial, e os alunos também podem fazer entrevistas sobre as histórias das comunidades e das famílias. Além de passar a entender essas histórias, o estudante desenvolve várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática da pesquisa e a capacidade de falar com pessoas desconhecidas (ALBERTI, 2019, p. 28).

A minha ideia inicial é apresentar trechos de algumas entrevistas que já realizei com duas professoras para a dissertação: Lia Faria e Hildésia Medeiros. Elas apresentam,

nesses trechos de entrevistas, suas percepções sobre a política educacional de Brizola e dos CIEPs e outras questões relevantes do período.

Acredito, porém, que essa atividade pode se desdobrar em outros projetos. Podemos, tão logo voltemos para a nossa rotina de aulas regulares, organizar trabalhos para se contar a história da própria unidade em que trabalho e do bairro na qual ela está inserida.

No final de 2019 cheguei a iniciar um projeto como esse com os alunos do CIEP Carlos Chagas. Nesse período, estava ocorrendo a remoção de uma comunidade que existia no final da rua da escola, a comunidade do Dique 1. Os moradores dessa comunidade, incluindo muitos dos meus alunos, foram levados para morar em prédios que faziam parte do programa “*Minha casa, minha vida*”, instituído pelo governo federal.

Os alunos estavam transbordando de vontade de contar esse importante fato da vida deles para todos os professores. Comecei a observar que no início de todas as aulas, tanto nas minhas como nas de outros colegas, eles sempre surgiam com uma novidade a respeito desse processo de remoção.

Decidi não perder essa oportunidade com eles e realizei a gravação de uma série de depoimentos orais nos quais eles contavam como viviam no Dique 1 e como estava sendo a nova vida nos prédios, para onde foram mandados. Depois da edição, apresentei esse trabalho em uma culminância de projetos que ocorreu na escola e realizei um pequeno debate após a apresentação do vídeo, fato que contou com a participação significativa de alunos de todos os anos de escolaridade. Afinal, era uma parte da história da vida deles que estava em foco.

Oportunidades como essa aparecem constantemente em nosso cotidiano escolar e não podemos desperdiçá-las, pois, como assinala a historiadora Krisitna Llewellyn, a história oral pode oferecer possibilidade de os estudantes ressignificarem as suas vidas e auxiliá-los no processo para alcançar a tão necessária consciência crítica:

por que estudar história oral? É que ela é uma metodologia coletiva que envolve os jovens com a memória de sua comunidade sobre injustiças históricas e, ao fazê-lo, promove a sua conscientização e sustenta o seu envolvimento nos processos democráticos que constroem relações corretas entre as gerações. A educação com a história oral é um caminho para a democratização e para a conscientização (LLEWELLYN, 2016, p. 18).

Trata-se de uma experiência muito relevante promover a utilização da história oral entre os alunos do ensino básico. Porém, antes de se tornarem os protagonistas no

processo de produção de entrevistas, os alunos precisam tomar contatos com fontes orais já produzidas. Adiante apresento duas possibilidades de trabalho com fontes de história oral que produzi para essa dissertação.

5-6-1 A entrevista de Lia Faria

O primeiro trecho de história oral que apresento para trabalhar com os alunos do ensino básico, Fonte 10, foi retirado de uma entrevista que a professora Lia Ciomar Faria me concedeu, no final do ano de 2020, e na qual ela analisa o governo de Leonel Brizola e a sua política educacional.

Nesse trecho, a professora apresenta uma autocrítica sobre a sua militância no Partido dos Trabalhadores (PT) e no Centro Estadual dos Professores (CEP); e realiza críticas a essas instituições pela forma desrespeitosa e desonesta com que trataram o governo de Leonel Brizola e o projeto dos CIEPs.

Nas orientações iniciais, que pretendo fazer com os alunos, constarão esclarecimentos sobre a biografia da professora Lia Faria; e também sobre a importância dos sindicatos na luta política dos trabalhadores brasileiros, no final do século XX. Também pedirei que os alunos pesquisem sobre as características dos partidos de esquerda e esclareçam para a turma as suas conclusões.

Em relação às perguntas que podem ser feitas ao documento, sugerirei as seguintes: pelo que a fonte histórica informa, os chamados partidos de esquerda conseguem se unir, conseguem formar alianças em torno de ideias e propostas? Segundo a fonte, quais foram as armas políticas utilizadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) contra Brizola?

Durante a apresentação, instigarei os alunos a responderem se existe algum tipo de fonte que é mais confiável do que outra, se eles consideraram que alguma fonte é mais objetiva do que a outra; se é possível encontrar verdades em algum tipo de fonte e em outras não. Depois de escutar as opiniões dos alunos, demonstrarei que todos os tipos de fontes históricas são subjetivas e trazem o ponto de vista daqueles que a produziram.

Fonte 10: trecho da entrevista com a professora Lia Faria

“Eu vim do PT, vim do CEP. Esse era outro aspecto muito interessante do Darcy Ribeiro, ele nunca pediu a nossa carteirinha. Você podia ser de qualquer partido ou de partido nenhum, o que ele queria era o compromisso com a escola pública, o compromisso com a educação. Era isso que ele exigia muito, muito trabalho. A gente nunca trabalhou tanto na vida (...).

A minha relação com o CEP, com O PT vai mudar de uma forma radical. Eu fui uma grande liderança do CEP, acreditava naquele PT da década de 1980, fui candidata a Prefeita pelo PT, meu marido foi candidato a vereador pelo PT de Nova Friburgo. Depois eu vi coisas inacreditáveis, as pessoas que se diziam de esquerda, a maioria do PT e do CEP, desmoralizando Brizola e Darcy com ‘fake news’, inventando milhares de mentiras com um único objetivo: chegando as eleições nós temos que destruir o PDT, temos que destruir o Brizola, temos que destruir o CIEP, temos que destruir Darcy.”

Fonte 11: trecho da entrevista com a professora Hildésia Medeiros.

“Eu gostaria de destacar um pouco o fato de que com a emersão de lideranças grevistas pelo interior, não esqueça o que eu falei, você sabe disso, a maior parte do magistério era de mulheres e começaram a emergir algumas lideranças muito fortes (...).

Tinha a Lia Faria, a Dodora (Maria das Dores Mota), tinha a Dulce, que chegou a ser prefeita em Barra do Piraí, tinha, enfim, uma série de mulheres (...). Eu quero dizer o seguinte, que em alguns lugares as mulheres eram grandes lideranças locais, mas quando chegava a hora de vir para a representação formal elas próprias ajudavam a escolher ‘los machos’, porque ou os maridos não gostavam ou elas se sentiam intimidadas. Mas vamos dizer assim, daquele trabalho de organização do cotidiano as mulheres tiveram uma proeminência no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil (...).

Quando eu concorri a eleição no CEP foi a primeira chapa que se declarou feminista. Foi muito interessante essa discussão, fizemos seminários, fizemos outra coisa também que entrava essa questão de gênero, o trabalho com o Teatro dos Oprimidos do Boal. Isso, sem dúvida nenhuma, contribuiu para o alargamento das pessoas em relação a essa questão”

5-6-2 A entrevista de Hildésia Medeiros

O segundo trecho de entrevistas que será trabalhado pelos alunos, Fonte 11, é o da professora Hildésia Medeiros, a presidente do CEP durante uma parte do primeiro governo Brizola. Essa entrevista também foi realizada por mim, em janeiro de 2021.

Nessa passagem, a professora Hildésia comenta a importância das professoras no processo de organização de um dos mais relevantes sindicatos do Rio de Janeiro, o SEPE. Mostra também que, a despeito de toda essa relevância feminina, o machismo foi um problema a mais que essas professoras tiveram que enfrentar.

Nas orientações iniciais explicarei a biografia dessa importante líder sindical: uma professora nordestina, que lutou contra a ditadura e que foi uma das sindicalistas mais atuantes no Rio de Janeiro durante a década de 1980. Voltarei a destacar a importância dos sindicatos na luta política dos trabalhadores brasileiros, no final do século XX, e esclarecerei outras dúvidas que os alunos possam levantar.

Entre as questões - que sugerirei que levem para esse documento - constarão: o machismo é um tipo de preconceito que só existiu nos setores conservadores da sociedade brasileira? As mulheres deixaram de lutar, abaixaram a cabeça diante do machismo que prevalecia no período?

A ideia é que ocorra, mais uma vez, discussões envolvendo o maior número possível de alunos. Afinal, trata-se de um tema extremamente palpitante e que, infelizmente, ainda se encontra na ordem do dia. Estimularei, principalmente, que as alunas registrem as suas posições sobre essas questões durante as discussões.

5-7- Conclusão

O trabalho com fontes históricas em sala de aula traz grandes benefícios para o processo de aprendizagem dos alunos. Em primeiro lugar, porque ele quebra a espinha dorsal do ensino tradicional, tirando o professor do centro do processo de aprendizagem. Nesse tipo de trabalho, o professor atua mais como um orientador, como aquele que indica possibilidades, cabendo aos alunos as ações mais relevantes.

Com essa metodologia os alunos ocupam, portanto, o centro do processo de aprendizagem: são eles que interpretarão os documentos, discutirão os seus pontos de vistas, criarão hipóteses, criarão conhecimentos próprios, em suma.

A utilização de fontes históricas em sala de aula pode ser também, como assinala Paulo Knauss de Mendonça, uma alternativa mais barata e eficiente em relação aos livros didáticos (MENDONÇA, 2001, p. 32). Além de escapar de toda a cadeia normatizadora a que os livros didáticos estão submetidos, o trabalho com fontes estimula a criatividade dos alunos e a criação de pensamentos e ideias originais.

Por fim, como assinala Circe Bittencourt, o trabalho com fontes estimula o diálogo em sala de aula. Fazer perguntas, ouvir respostas diferentes e, em alguns casos divergentes, pesquisar informações, são práticas extremamente comuns no trabalho com as fontes.

O trabalho com fontes encontra-se diretamente relacionado a um modelo de educação dialógica, tal como foi proposto por Paulo Freire. Esse deve ser o ideal que todo professor que possui responsabilidade social deve cultivar como um mantra em sua vida profissional.

Lista de Fontes:

Fonte 1: editorial do *Jornal do Brasil* (14/12/1983). Imagem digitalizada.

Fonte 2: Editorial do *Jornal do Brasil* (09/02/1984). Imagem digitalizada.

Fonte 3: *Tijolão* ou *Tijolaço* de Leonel Brizola (*Jornal do Brasil*, 26 de agosto de 1984). Imagem digitalizada

Fonte 4: A inauguração do CIEP Tancredo Neves (*Jornal do Brasil*, 09/05/1985). Imagem digitalizada.

Fonte 5: Manifestação de professores (*O Globo*, 03/04/1986). Imagem digitalizada.

Fonte 6: Um CIEP em funcionamento (Foto de divulgação do governo do estado do Rio de Janeiro, retirado da página “Observatório dos CIEPs”). Imagem digitalizada. Ano não identificado.

Fonte 7: CIEP degradado (“Observatório dos CIEPs”). Imagem digitalizada. Ano não identificado.

Fonte 8: Rambo (Chico Caruso, *O Globo*, 04/04/1986). Imagem digitalizada.

Fonte 9: “*O CEP fechou o CIEP*” (Ique, *Jornal do Brasil*, 03/04/1986). Imagem digitalizada.

Fonte 10: trecho da entrevista com a professora Lia Faria

Fonte 11: trecho da entrevista com a professora Hildésia Medeiros.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

DUNKER, CHRISTIAN. **Ética e pós-verdade**. São Paulo: Dublinense, 2017.

LLEWELLYN, Kristina R. De volta para o futuro: o poder político da história oral na educação. In: RODEGHERO, Carla Simone. **História Oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LUZ, Dayana Medeiros. **O uso dos jornais como recurso didático no ensino de história sobre a Balaiada**. ANPUH-Brasil: Recife, 2019.

MACÊDO, José Emerson Tavares de; SOUZA, Maria Lindaci Gomes. **A charge no ensino de história**. ANPUH-Brasil: Recife, 2019.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 73-98.

MENDONÇA, Paulo knauss de. “Sobre a norma e obvio: a sala de aula como lugar de pesquisa.” In: NIKITIUK, Sônia (org). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 2001.

SALIBA, Elias Thomé Saliba. “As imagens canônicas e a história” In: CAPELATO, Maria Helena. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: alameda, 2011.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. **As arestas sociais do facebook**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.